

# **LE GRAND MEAULNES DE ALAIN-FOURNIER: AVENTURA ROMANESCA E POESIA**

**Norma DOMINGOS<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Este trabalho objetiva apontar algumas características da linguagem poética de *Le Grand Meaulnes* (1913) de Alain-Fournier (1886-1914). Com efeito, a obra marca uma etapa importante na crise do romance, visto que, a partir da metade do século XIX, a literatura francesa assiste, por um lado, ao triunfo dos romances realista e naturalista, com grandes representantes como Flaubert, Balzac e Zola e, por outro, na contra-corrente dos aspectos burgueses do gênero e correspondendo aos anseios dos simbolistas pela criação de uma linguagem condensada, imagética e sugestiva, à emergência do conto poético. Assim, a aventura romanesca de Fournier, publicada em 1913, em *La Nouvelle Revue Française* e, posteriormente, editada por Emile-Paul, resulta desse período de mudanças e consegue, sem abandonar a poesia, reencontrar o romanesco, marcando o início de uma época em que a poesia invade o romance, transfigurando sua realidade cotidiana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alain-Fournier. *Le Grand Meaulnes*. Romance. Prosa poética. Poesia.

*Des semaines, des mois passèrent. Époque passée! Bonheur perdu!*  
Alain-Fournier (1913, p.206).

Este trabalho objetiva apontar algumas características da linguagem poética de *Le Grand Meaulnes* (1913) de Alain-Fournier (1886-1914). Para a análise aqui desenvolvida apoiamo-nos nas obras *La crise du roman* (1985) e *Le roman* (1989) de Michel Raimond e em *Le récit poétique* (1978) de Jean-Yves Tadié. A edição da obra de Alain-Fournier é aquela editada por Émile-Paul frères em 1913. Quanto à denominação do gênero em questão, preferimos adotar aquela de Raimond (1985, 1989) que classifica a obra como romance poético.

<sup>1</sup> Bolsista FAPESP. Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – domingos.norma@uol.com.br

Ao analisarmos a obra de Alain-Fournier é necessário recolocá-la em seu verdadeiro quadro literário, isto é, aquele do Simbolismo ou do Pós-simbolismo. A obra é, de certa forma, um ponto de convergência de toda a evolução que se processou na linguagem literária a partir do movimento alemão *Sturm und Drang*, e que culminou com o aparecimento da prosa poética simbolista. Com efeito, na esteira de Edgar Allan Poe, Aloysius Bertrand e Charles Baudelaire, autores como Joris-Karl Huysmans, Villiers de l'Isle-Adam e Charles Cros, na aurora do movimento simbolista, conseguem dar novos rumos à linguagem poética.

A ambição de conduzir o romance em busca da poesia, nasceu no Simbolismo. Mesmo que o movimento não tenha produzido romances poéticos, seu horizonte intelectual orientou os poetas para a tentativa de captar seus sonhos na trama de uma história e, ao mesmo tempo, conduziu os romancistas em direção a expressão de emoções poéticas. Posteriormente, o romance poético encontrará seus primeiros sucessos nas vésperas da guerra e terá seu pleno florescimento no após-guerra.

Assim, como ressalta Raimond<sup>2</sup> (1985, p.195-196),

[os] anos anteriores à guerra vêem aparecer romances poéticos, dos quais *Le Grand Meaulnes* é o melhor exemplo; antes de Proust e Barrès, Alain-Fournier era o poeta que se fazia romancista muito mais do que o romancista que se tornava poeta.<sup>3</sup>

*Le Grand Meaulnes* de Alain-Fournier é exemplar do novo gênero que se firmou, sobretudo, a partir do início do século XX; com efeito, o autor consegue exprimir sua intuição poética pelo viés de uma história. E dessa forma, como bem lembra Raimond (1985, p.213),

[...] temos a sorte de ter, em Alain-Fournier, o exemplo privilegiado de um homem que hesita durante bastante tempo entre romance e poesia; que confere ao romance um objetivo poético; e no qual nasce, pouco a pouco, a consciência da necessidade na qual se encontra de exprimir sua intuição poética pelo intermédio de uma história. E, de fato, *Le Grand Meaulnes* provém do segredo de um coração, mas se apresenta sob a aparência de uma aventura romanesca.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Todas as traduções dos textos franceses teóricos são de nossa responsabilidade.

<sup>3</sup> “[les] années d’avant-guerre voient apparaître des romans poétiques, dont *Le Grand Meaulnes* est le meilleur exemple, avant Proust et Barrès, Alain-Fournier était le poète que se faisait romancier plutôt qu’un romancier qui devenait poète.” (RAIMOND, 1985, p.195-196).

<sup>4</sup> “[...] avons la chance d’avoir, en Alain-Fournier, l’exemple privilégié d’un homme qui hésite assez longtemps entre roman et poésie; qui assigne au roman un but poétique; et qui prend peu à peu conscience de la nécessité où il est d’exprimer son intuition poétique par le truchement d’une histoire. Et, de fait, *Le Grand Meaulnes* procède du secret d’un cœur, mais se présente sous les dehors d’une aventure romanesque.” (RAIMOND, 1985, p.213).

Para melhor situar a obra em seu contexto, é imperativo retomar algumas palavras de Tadié (1978), que sintetiza os novos rumos do romance no século XX. Em primeiro lugar, ele define a narrativa poética como uma narrativa que retoma, em prosa, os meios do poema, que apresenta um universo privilegiado, um paraíso perdido e reencontrado. O autor lembra, também, que o gênero teve uma existência e natureza muito vivas, amplamente representado num século que pode parecer, à primeira vista, dominado pelos círculos realistas, posteriormente, pelo romance existencialista e, finalmente, pelo “*nouveau roman*”; são em suma romances da sociedade, da existência e do texto.

Ao se interrogar sobre as condições do aparecimento do novo gênero, que é ao mesmo tempo arcaico porque é uma narrativa mítica, mas que está presente, também, na literatura medieval e moderna, Tadié (1978) ressalta a tentação que temos de considerá-lo como uma forma de evasão, uma recusa da história e a expressão de um individualismo desesperado. Contudo, ele chama-nos a atenção para o fato de que nessa etapa do século XIX para o século XX assistimos à transformação que atinge a dissolução progressiva e o desaparecimento da personagem individual, do herói. Ele lembra, ainda, que o romance descreve a morte dos valores qualitativos autênticos individuais, ou seja, aqueles pelos quais o homem se concebe como parte de um conjunto e, em uma dimensão trans-individual, histórica ou transcendente; ou seja, o romance poético reclama valores que vão além dessa vida: valores de um sagrado imanente. Com efeito, a prosa na poesia imita, para o leitor, um paraíso momentâneo, não somente passado, mas sempre a vir. Finalmente, para Tadié (1978) essa forma, sob a carapaça do romance, testemunha a mais alta ambição literária, entre o mito e a profecia, que fala em nome do absoluto, que revela o que está escondido e que anuncia o futuro.

Como ilustraremos na análise aqui apresentada, a aventura romanesca de Alain-Fournier, como toda narrativa, é

[...] primeiramente prosaica, linear, horizontal. Ela religa as diversas etapas da odisséia do herói pelos espaços e instantes, chamamo-la sintagmática. Mas ela é também poética, vertical, isotópica: frases, segmentos ou capítulos e, finalmente, toda a narrativa têm uma pluralidade de significações; no mais, esses segmentos, ou unidades de grandezas diversas, fazem eco em uma série de comparações ou de metáforas estruturais [...]. (TADIÉ, 1978, p.115-116).<sup>5</sup>

<sup>5</sup> “[...] *d’abord prosaïque, linéaire, horizontale. Elle relie les diverses étapes de l’odyssée du héros à travers les espaces et les instants, on l’appelle syntagmatique. Mais elle est aussi poétique, verticale, isotopique: des phrases, des segments ou chapitres et, finalement, le récit tout entier ont une pluralité de significations; de plus, ces segments, ou unités de grandeurs diverses, se font écho dans une série de comparaisons ou de*

Da mesma maneira, Raimond (1985, p.204) lembra que

[o] romancista que é poeta não concebe o acontecimento como o anel de uma seqüência, mas como a eclosão de um milagre fugidivo. Dessa forma, ele é tentado a provocar um curto-circuito na narrativa imaginária, e, além dos dados da invenção romanesca, ele estabelece um tipo de contato entre o leitor e o que existe. As descrições e os devaneios suspendem a ordem da causalidade temporal, elas fazem passar do modo romanesco (invenção no imaginário) para o modo poético, que é o modo da descoberta da beleza do que existe.<sup>6</sup>

É dessa forma que procede Fournier. Ele emprega uma linguagem que transfigura a realidade em poesia, faz jorrar o sentido do maravilhoso presente no interior da vida cotidiana a partir dos sonhos da infância do narrador. O autor deixa transparecer a poesia e um halo misterioso na obra. Ao mesmo tempo, sua leitura permite esquecer o símbolo, o aspecto fantástico para perceber a realidade familiar, a vida característica do interior camponês, a cidadezinha, o professor e a escola primária. A poesia aflora em sua fonte popular no cotidiano da província. A imagem consegue fazer aparecer no leitor as mesmas impressões que a realidade poderia despertar, um sentimento do desconhecido mundo que o cerca. O universo criado pelo autor é ao mesmo tempo real e poético, a precisão fotográfica do romance se une a uma poesia interior do personagem:

*Sur les haies, auprès des bourgs, les lessives sont étendues depuis midi et sèchent à la bourrasque. Dans chaque maison, le feu de la salle à manger fait luire tout un reposoir de joujoux verni. Fatigué de jouer, l'enfant s'est assis auprès de sa mère et il lui fait raconter la journée de son mariage...*

*Pour celui qui ne veut pas être heureux, il n'a qu'à monter dans son grenier et il entendra, jusqu'au soir, siffler et gémir les naufrages; il n'a qu'à s'en aller dehors, sur la route, et le vent lui rabattrà son foulard sur la bouche comme un chaud baiser qui le fera pleurer. Mais pour celui qui aime le bonheur, il y a au bord d'un chemin boueux, la maison des Sablonnières, où mon ami Meaulnes est rentré avec Yvonne de Galais qui est sa femme depuis midi. (FOURNIER, 1913, p.188, grifo nosso).*

Como pudemos observar no excerto acima, o grande mérito de Fournier é ter conseguido entrelaçar aventura e romanesco numa história envolvente, que ultrapassa sem dúvida os limites das ações. Trata-se de um romance poético, um gênero híbrido que se aproxima do poema em vários aspectos. Em seu caráter

---

*métaphores structurelles [...].*" (TADIÉ, 1978, p.115-116).

<sup>6</sup> "[le] romancier qui est poète ne conçoit pas l'événement comme le maillon d'une chaîne, mais comme l'éclosion d'un miracle fugitif. A ce titre, il est tenté de court-circuiter le récit imaginaire, et, par delà les données de l'invention romanesque, il établit une sorte de contact entre le lecteur et ce qui est. Les descriptions et les rêveries suspendent l'ordre de la causalité temporelle, elles font passer du mode romanesque (invention dans l'imaginaire) au mode poétique, qui est de découvrir la beauté de ce qui est." (RAIMOND, 1985, p.204).

formal, é fortemente estruturado, o que permite efetuar uma aproximação com a poesia no domínio da linguagem.

Como na poesia, ao propor enigmas e interpretações, o autor joga com os ecos e repetições. Assim, em *Le Grand Meaulnes*, nos momentos que antecedem a chegada de Augustin, temos, no plano discursivo, anunciada a mudança que se processará na vida de François Saurel e que é marcada pelas repetições. Então, como prenúncio de incertezas e de medo, um campo semântico se constrói, ou seja, aquele de um vento forte que chega apagando as luzes e arrancando as amarras de segurança do pequeno François:

*Lorsqu'il faisait noir, que les chiens de la ferme voisine commençaient à hurler et que le carreau de notre petite cuisine s'illuminait, je rentrais enfin. Ma mère avait commencé de préparer le repas. Je montais trois marches de l'escalier du grenier; je m'asseyais sans rien dire et, la tête appuyée aux barreaux froids de la rampe, je la regardais **allumer son feu** dans l'étroite cuisine où vacillait **la flamme d'une bougie**.*

*Mais, **quelqu'un est venu qui a enlevé à tous ces plaisirs d'enfant paisible. Quelqu'un a soufflé la bougie qui éclairait pour moi le doux visage maternel penché sur le repas du soir. Quelqu'un a éteint la lampe autour de laquelle nous étions une famille heureuse, à la nuit, lorsque mon père avait accroché les volets de bois aux portes vitrées. Et celui-là, ce fut Augustin Meaulnes, que les autres élèves appelèrent bientôt le grand Meaulnes.*** (FOURNIER, 1913, p.15, grifo nosso).

Os novos rumos da vida do protagonista a partir da chegada de Meaulnes são marcados, também, por paralelismos que apontam comparações entre o universo marítimo bretão e suas aventuras e angústias:

[...] *tel est le plan sommaire de **cette demeure** où s'écoulèrent les jours les plus **tourmentés** et les plus chers de ma vie – **demeure d'où partirent et où revinrent se briser, comme des vagues sur un rocher désert nos aventures.*** (FOURNIER, 1913, p.7, grifo nosso).

[...] *je regardais avec les autres cet attelage perdu qui nous revenait, **telle une épave qu'eût ramenée la haute mer** – la première **épave** et la dernière, peut-être, de l'aventure de Meaulnes.* (FOURNIER, 1913, p.29, grifo nosso).

É, de fato, “*comme une barque sur l'Océan*” e “*au milieu du paysage gelé*” (FOURNIER, 1913, p.22) que as aflições do jovem Augustin são narradas. São as estações do ano que marcam o tempo na narrativa e o tempo interior das personagens. Outono e inverno compõem um campo semântico do frio, do úmido e do vento, ressaltando-se assim o caráter angustiante da busca empreendida pelo protagonista:

*J'avais quinze ans. **C'était un froid dimanche de novembre, le premier jour d'automne qui fit songer à l'hiver.*** (FOURNIER, 1913, p.9, grifo nosso).

*C'est jeudi, au commencement de février, un beau jeudi soir glacé, où le grand vent souffle. Il est trois heures et demie, quatre heures...* (FOURNIER, 1913, p.188, grifo nosso).

Ao contrário, os momentos felizes são marcados pela primavera e pelo sol:

*Comme nous rentrions, le soleil dissipait la légère brume du matin; les ménagères sur le seuil des maisons secouaient leurs tapis ou bavardaient; et, dans les champs et les bois, aux portes du bourg, commençait la plus radieuse matinée de printemps qui soit restée dans ma mémoire.* (FOURNIER, 1913, p.124, grifo nosso).

Memória e imaginação conjugam-se na elaboração do universo poético de *Le Grand Meaulnes*, com efeito, como lembra Baudelaire (1962, p.321), “a imaginação é a análise, a síntese”, é ela, pois, que incita as outras faculdades, e é ela que dá “o contorno”, que “[...] decompõe toda a criação e, com os materiais acumulados e dispostos segundo as regras cuja origem só pode ser encontrada nas profundezas da alma, cria um mundo novo, produz a sensação do novo.” Assim, o papel da imaginação é de imediato ressaltado pelo próprio narrador:

*C'est ainsi, du moins, que j'imagine aujourd'hui notre arrivée. Car aussitôt que je veux retrouver le lointain souvenir de cette première soirée d'attente dans notre cour de Sainte-Agathe, déjà ce sont d'autres attentes que je me rappelle; déjà, les deux mains appuyées aux barreaux du portail, je me vois épiant avec anxiété quelqu'un qui va descendre la grand'rue. Et si j'essais d'imaginer la première nuit que je dus passer dans ma mansarde, au milieu des greniers du premier étage, déjà ce sont d'autres nuits que je me rappelle [...].* (FOURNIER, 1913, p.8, grifo nosso).

No que se refere à enunciação, o narrador escolhe a maneira de contar, assim, da mesma maneira que na poesia, é sua subjetividade que se exprime:

*Il arriva chez nous un dimanche de novembre 189...*

*Je continue à dire chez “nous”, bien que la maison ne nous appartienne plus. Nous avons quitté le pays depuis bientôt quinze ans et nous n'y reviendrons certainement jamais.* (FOURNIER, 1913, p.7, grifo nosso).

Como grande número de narrativas, a de cunho poético deve ter como ponto de partida o narrador, pois, nela, tudo é determinado por essa voz que escolhe o que quer contar – existem fatos, mas sua preocupação é narrar aquilo que lhe interessa. O narrador em primeira pessoa não é de forma alguma um prolongamento da personagem contada, visto que ela não é capaz de nada e não encontra seu lugar; o outro, aquele que narra, “[...] é um ser que sabe, vê, organiza, um ser que, mesmo na descrição de uma paisagem, nos desvenda

Le grand Meaulnes de Alain-Fournier: aventura romanesca e poesia o sistema durável do universo, desse universo que é o seu e que ele conta.” (KAYSER, 1977, p.76)<sup>7</sup>.

Assim, François Saurel narra sua história a partir de suas lembranças e daquilo que Meaulnes lhe contou:

*Mon compagnon ne me conta pas cette nuit-là tout ce qui lui était arrivé sur la route. Et même lorsqu'il se fut décidé à me tout confier, durant des jours de détresse dont je reparlerai, ce resta longtemps le grand secret de nos adolescences. Mais aujourd'hui que tout est fini, maintenant qu'il ne reste plus que poussière*

*de tant de mal, de tant de bien,*

*je puis raconter son étrange aventure.*

.....

*À une heure et demie de l'après-midi, sur la route de Vierzon, par ce temps glacial, Meaulnes [...].* (FOURNIER, 1913, p.43, grifo nosso).

Como pudemos observar no fragmento anterior, o narrador poético está preocupado com as questões humanas e, por isso, não dá voz aos outros. Ao falar da natureza humana, ele quer muitas vezes despertar, chamar a atenção e aguçar o espírito crítico do leitor, para isso, interrompe com frequência a narrativa, fazendo dessa interrupção uma técnica de estranhamento, de distanciamento que demanda ao leitor o uso da razão, para que possa analisar o problema ou a questão em pauta.

Vemos claramente, ainda, a fusão entre o protagonista-narrador e a personagem Meaulnes; François Saurel tem a capacidade de reconhecer e vivenciar as histórias narradas pelo amigo:

*Avant même d'avoir regardé, comme si depuis longtemps, inconsciemment, cette pensée couvait en moi et n'attendait que l'instant d'éclore, j'avais deviné! Debout au près d'un quinquet, à l'entrée de la roulotte, le jeune personnage inconnu avait défait son bandeau et jeté sur les épaules une pèlerine. On voyait, dans la lueur fumeuse, comme naguère à la lumière de la bougie, dans la chambre du Domaine, un très fin, très aquilin visage sans moustache. Pâle, les lèvres entr'ouvertes, il feuilletait hâtivement une sorte de petit album rouge que devenait un atlas de poche.* (FOURNIER, 1913, p.119-120, grifo nosso).

<sup>7</sup> “[...] est un être qui sait, qui voit, qui organise, un être qui, fût-ce dans la description d'un paysage, nous découvre le système durable de l'univers, de cet univers qui est le sien et qu'il raconte [...]” (KAYSER, 1977, p.76).

No romance de Alain-Fournier, tudo passa pela voz de François Saurel. Até mesmo as experiências vividas por Meaulnes e das quais Saurel não tomou conhecimento, serão contadas por este a partir de um diário encontrado:

*Dès la première ligne, je jugeai qu'il pouvait y avoir là des renseignements sur la vie passée de Meaulnes à Paris, des indices sur la piste que je cherchais, et je descendis dans la salle à manger, pour parcourir à loisir, à la lumière du jour, l'étrange document. Il faisait un jour d'hiver clair et agité. Tantôt le soleil vif dessinait les croix des carreaux sur les rideaux blancs de la fenêtre, tantôt un vent brusque jetait aux vitres une averse glacée. Et c'est devant cette fenêtre, auprès du feu, que je lus ces lignes qui m'expliquèrent tant de choses et dont voici la copie très exacte... (FOURNIER, 1913, p.223).*

De fato, Meaulnes deixa ao amigo, em confissão, seu diário:

*Ce manuscrit, que j'avais commencé comme un journal secret et qui est devenu ma confession, sera, si je ne reviens pas, la propriété de mon ami François Seurel. (FOURNIER, 1913, p.241, grifo nosso).*

Da mesma forma que em uma narrativa poética, o tema central do romance poético não é realista, pois aborda questões da condição humana. As personagens compõem-se sob as influências dos heróis frutos do Romantismo alemão, inglês e francês, nos quais encontramos um caráter noturno, melancólico, rebelde e marginal, mas cuja carga dominante será “o cultivo da solidão por inadaptação e a busca de absolutos”, como bem nos lembra Cortazar (1993, p.131). Temos em François Saurel um representante dessa categoria de personagem, como observamos a seguir:

*Je n'avais guère été, jusqu'alors, courir dans les rues avec les gamins du bourg. Une coxalgie, dont j'ai souffert jusque vers cette année 189..., m'avait rendu craintif et malheureux. Je me vois encore poursuivant les écoliers alertes dans les ruelles qui entouraient la maison, en sautillant misérablement sur une jambe...*

[...]

*L'arrivée d'Augustin Meaulnes, qui coïncida avec ma guérison, fut le commencement d'une vie nouvelle.*

*Avant sa venue, lorsque le cours était fini, à quatre heures, une longue soirée de solitude commençait pour moi. (FOURNIER, 1913, p.14).*

A aventura de *Le Grand Meaulnes* é um símbolo, trata-se de um romance de busca mítica. O mundo que o cerca torna-se revelador de “um outro mundo”, “uma outra vida” e a aventura é a busca mítica da vida sonhada, uma volta pelo sonho e pela poesia na reconstituição da lembrança. Representa uma volta à interioridade de cada um e na qual habita um “grand/



*petit Meaulnes*”, aventureiro sem descanso, sempre em busca da felicidade:

*Appuyés contre le mur bas de la petite ruelle, les mains aux poches et nu-tête, nous parlions et le vent tantôt nous faisait frissonner de froid, tantôt, par bouffées de tiédeur, réveillait en nous je ne sais quel vieil enthousiasme profond. Ah! frère, compagnon, voyageur, comme nous étions persuadés, tous deux, que le bonheur était proche, et qu'il allait suffire de se mettre en chemin pour l'atteindre!...* (FOURNIER, 1913, p.114).

Busca incessante, também, do amor perdido:

*Mais sans cesse repris par le désir de chercher encore, de partir encore sur la trace de son amour perdu, il avait dû, sans doute, plusieurs fois disparaître;[...]* (FOURNIER, 1913, p.230).

A presença do mito, ou seja, a sobrevivência de aspectos míticos a-históricos, permite uma identificação imediata dessas narrativas com a poesia; como as narrativas míticas, são histórias que falam de um homem eterno, intemporal, um homem com a mesma busca de todos. De fato, o universo apresentado por François Saurel é, também, uma experiência vivida por todos, um período de transição entre a adolescência e a vida adulta, cheio de incertezas e temores:

*La malle, hélas! fut bientôt faite. Nous cherchâmes sous l'escalier ses souliers des dimanches; dans l'armoire, un peu de linge; puis ses papiers et ses livres d'école – tout ce qu'un jeune homme de dix-huit ans possède au monde. [...]*

*Quant à moi, je me trouvai, pour la première fois depuis de longs mois, seul en face d'une longue soirée de jeudi – avec l'impression que, dans cette vieille voiture, mon adolescence venait de s'en aller pour toujours.* (FOURNIER, 1913, p.134, grifo nosso).

Como sabemos, em um texto o espaço se define a partir de signos que constituem uma representação, em *Le Grand Meaulnes*, esses signos remetem sempre a espaços que possibilitam um vagar sem rumo, é o espaço da aventura, do desconhecido, da eterna busca e na dimensão simbólica da obra, os lugares representam a própria busca da felicidade. De fato, como lembra Tadié (1978), na narrativa poética, o espaço torna-se agente da ficção, como podemos observar no excerto abaixo:

*Me voici, j'imagine, près de ce bonheur mystérieux que Meaulnes a entrevu un jour. Toute la matinée est à moi pour explorer la lisière du bois, l'endroit le plus frais et le plus caché du pays, tandis que mon grand frère aussi est parti à la découverte. C'est comme un ancien lit de ruisseau. Je passe sous les basses branches d'arbres dont je ne sais pas le nom mais qui doivent étre aulnes. J'ai sauté tout à l'heure un échelier au bout de la sente, et je me suis trouvé dans cette grande voie d'herbe verte qui coule sous les feuilles, foulant par endroits les orties, écrasant les hautes valérianes.*

*Parfois mon pied se pose, durant quelques pas, sur un banc de sable fin. Et dans le silence, j'entends un oiseau – je m'imagine que c'est un rossignol, mais sans doute je me trompe, puisqu'ils ne chantent que*

*le soir – un oiseau répète obstinément la même phrase: voix de la matinée, parole dite sous l'ombrage, invitation délicieuse entre les aulnes. Invisible, en été, il semble m'accompagner sous la feuille. Pour la première fois me voilà, moi aussi, sur le chemin de l'aventure. Ce ne sont plus les coquilles abandonnées par les eaux que je cherche, sous la direction de M. Saurel, ni des orchis que le maître d'école ne connaisse pas, ni même, comme cela nous arrivait souvent dans le champ du père Martin, cette fontaine profonde et tarie, couverte d'un grillage, enfouie sous tant d'herbes folles qu'il fallait chaque fois plus de temps pour le retrouver... Je cherche quelque chose de plus mystérieux encore. Cela se découvre à l'heure la plus perdue de la matinée, quand on a depuis longtemps oublié qu'il va être onze heures, midi... [...] (FOURNIER, 1913, p.127-128, grifo nosso).*

Para concluir, devemos lembrar que *Le Grand Meaulnes* de Alain-Fournier é, sobretudo, um espaço de sonhos: a inscrição do maravilhoso no real permite que os elementos oníricos se tornem realistas. Somos, assim, transportados para um mundo que parece ao mesmo tempo real e imaginário e ficamos nos perguntando ao término da leitura se Augustin realmente viveu tais aventuras ou se o jovem simplesmente sonhou e mais uma vez nos deparamos com o universo da poesia que é cíclico e polivalente.



## **ALAIN-FOURNIER'S LE GRAND MEAULNES: NOVELISTIC ADVENTURE AND POETRY**

**ABSTRACT:** *The purpose of this study is to present some characteristics of Le Grand Meaulnes's (1913) poetic language by Alain-Fournier (1886-1914). In fact, this book delimits an important period in the crisis of the French novel because, from the middle of the nineteenth century, French literature sees, on one hand, the triumph of the realistic and naturalist novel, with the representative names of Flaubert, Balzac and Zola and, on the other, there is the emergence of a new poetic language, which is concentrated, imagistic and suggestive. Thus, Fournier's adventure of the novel, published in 1913, on the La Nouvelle revue Française and, latter, edited by Emile-Paul, results from this period of changes and manages, without renouncing poetry, to find again the novelistic character, stablishing the beginning of a new age when poetry invades the novel and transfigures its everyday reality.*

**KEYWORDS:** *Alain-Fournier. Le Grand Meaulnes. Novel. Poetic short story. Poetry.*

## REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, C. **Curiosités esthétiques**: L'Art romantique et autres œuvres critiques. Paris: Garnier Frères, 1962.

CORTAZAR, J. Alguns aspectos do conto. In: \_\_\_\_\_. **Valise de Cronópio**. 2. ed. Tradução Davi Arrigucci Júnior e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993. p.147-163.

FOURNIER, A. **Le Grand Meaulnes**. Paris: Emile-Paul Frères, 1913.

KAYSER, W. Qui raconte le roman? In: BARTHES, R. et al. **Poétique du récit**. Paris: Seuil, 1977 p.59-84.(Points-Essais).

RAIMOND, M. **Le roman**. 5. ed. Paris: A. Colin, 1989.

\_\_\_\_\_. **La crise du roman**: des lendemains du Naturalisme aux années vingt. Paris: J. Corti, 1985.

TADIÉ, J.-Y. **Le récit poétique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1978.

